

Temas de despersonalização nos conteúdos do teste de Rorschach*

MONIQUE AUGRAS

"Sein zum Tode..."
Heidegger, **O Ser e o Tempo.**

Muitas vezes chamou nossa atenção o fato de certos protocolos, no Psicodiagnóstico de Rorschach, apresentarem conteúdos estranhos, em particular deformações e desvitalizações da figura humana, embora as características de psicograma se revelem normais ou parnormais. Há contudo um consenso implícito de muitos psicólogos para considerar tais respostas desvitalizadas como *ruins*, e enquadrar os temas de despersonalização entre os sintomas de um processo patológico, quiçá pré-psicótico. Como conciliar conteúdos *patológicos* e psicograma *normal*?

Roland Kuhn, estudando a *Fenomenologia da Máscara*, mostra que as interpretações de personagens fantásticas, de máscaras, de esqueletos, parecem exprimir no Rorschach as perturbações da consciência de si. As quatro características fundamentais da consciência

* Trabalho apresentado no I Seminário de Rorschach da Guanabara, em novembro de 1969.

de si, conforme Jaspers, são a alteridade (sou diferente do outro), o sentimento da atividade (atuo, logo existo), a identidade (sou o mesmo), e a unidade (em determinado momento, sou um só). Em tese, todos êsses aspectos, juntos ou separados, podem expressar-se, quando perturbados, através de temas de despersonalização.

Em primeiro lugar, é preciso definir o que se entende por despersonalização. Etimologicamente seria a perda da personalidade, ou melhor, talvez, a perda da personagem. Personalidade vem de *persona*, máscara, do verbo *per sonare*, soar através de: é a palavra que designa aquela máscara dos atôres do teatro romano, que serve à identificação dos caracteres. Representa, portanto, o indivíduo na situação social, da mesma maneira que a tatuagem ou a máscara indicam, na sociedade primitiva, a inserção do indivíduo, e, através dêle, da tribo, na ordem cósmica. A *persona* seria comunicativa por essência. A despersonalização implicaria então a perda da comunicação. Dêsse ponto de vista, a personagem seria a superfície de encontro entre a realidade do ego e a realidade do mundo.

Em psicopatologia, o conceito de despersonalização carece de nitidez. O Dicionário de Porot define-a “um sentimento que certos doentes têm de não ser mais êles mesmos, seja na sua integridade corporal e somática, seja na consciência de seu ego psíquico, seja no conjunto dêstes diversos componentes da realidade... os psicanalistas pretendem ver neste fenômeno uma retração, uma regressão à etapa narcicista.” A despersonalização seria um sentimento, uma impressão. Certos autores precisam que a despersonalização seria “característica da esquizofrenia e de alguns tipos de psicopatia”.¹ Desadaptação à realidade, perturbações da consciência de si, regressão narcicista, revelariam o início de um processo dissociativo.

Minkowski, no entanto, mostra que o termo é amplo e vago demais. Expressa um sentimento, mas não chega a constituir uma síndrome: “A clínica não permite individualizar uma síndrome de despersonalização.” Mais que um quadro de perturbações da consciência de si, a despersonalização seria um modo do indivíduo expressar sua insegurança em relação a si próprio, e em relação ao mundo. Tal insegurança poderia encontrar-se em quadros clínicos vários, indo da simples ansiedade perante a realidade, até a vivência da disjunção (*spaltung*) esquizofrênica.

Em outros termos, a despersonalização, longe de ser uma entidade nosológica, seria antes um adjetivo.

Nessa perspectiva, talvez, nem sequer a despersonalização fique limitada ao quadro clínico: a insegurança que exprime não seria necessariamente a consequência de uma vivência mórbida, mas a incerteza ontológica, que é a própria do homem, perante êsse mundo que é preciso, a cada instante, dominar, sem conseguir ser dono de si mesmo.

1 POROT, A. *Manuel Alfabétique de Psychiatrie*. Paris, PUF. *

Descrevendo a *insegurança ontológica*, R. D. Laing afirma que a despersonalização “é uma técnica universalmente utilizada como meio de manejar o outro”. É um ato mágico, que consiste em reificar o outro para torná-lo aceitável. Sentindo-se ameaçado pela existência do outro, o indivíduo nega-o como pessoa, petrificando-o. Mas, ao mesmo tempo, teme ser, éle próprio, o objeto de semelhante manipulação mágica. Se o outro pode ser negado, éle também pode sê-lo. Talvez éle próprio não exista, mas isso é inaceitável, já que a negação do outro é condição de afirmação de sua existência.

Em busca de definição de um termo de nosologia psiquiátrica, chegamos à dialética do *ser e do nada*. A despersonalização expressaria a dificuldade de estabelecer a comunicação entre mundo interior e mundo exterior, entre o ego e a realidade. Seria realmente a perda da personagem.

Rolando Kuhn mostra que, no Rorschach, a despersonalização aparece através dos conteúdos de máscaras e personagens fantásticas. A perda da *persona* revela-se pelo uso da máscara. A busca da personagem utiliza como símbolos seres míticos, fantásticos. A insegurança ontológica, a angústia perante o destino humano (que, afinal, é angústia perante a morte) brinca com conteúdos de esqueletos.

Nesse ponto, podemos perguntar se a despersonalização deve então ser considerada como traço patológico. Talvez o mórbido esteja na incapacidade de superar a ruptura entre o ego e o mundo. Assim sendo, haveria diversos graus de despersonalização: conforme o quadro clínico, destacar-se-ia a desvitalização, a fragmentação do ser humano, até a desagregação e destruição total; o indivíduo normal, ou pára-normal, expressaria sua angústia através de figuras míticas e máscaras, que representariam a recomposição da figura humana, após a ação desagregadora da angústia.

No Rorschach, poderíamos então encontrar todos êsses aspectos e, através deles, tentar avaliar em que medida a despersonalização, agora entendida como perda total ou relativa da linha de encontro entre o ser e o mundo que se opõem dialeticamente, expressar a vivência de um processo patológico, ou apenas, a angústia da condição humana.

Vamos examinar três protocolos de Rorschach, que apresentam, em graus diversos, os vários aspectos da despersonalização, e, isto, em contextos clínicos muito diferentes.

CASO Nº 1:

É uma môça, de 23 anos, que sofre profundamente pela separação dos pais. A inteligência é média. Os interesses são assistenciais.

A atitude no Rorschach é bastante inibida e ansiosa. Examinando os dados do psicograma encontramos um tipo de vivência extraten-

sivo egocêntrico, com desequilíbrio flagrante entre as realizações e as potencialidades da orientanda. Introversiva, ela recalca as pulsões mais profundas e procura estabelecer contatos com os demais, não o conseguindo por ser totalmente egocêntrica e instável.

I

10" — 1'

Um osso... da bacia

Isso parece com uma pipa, com que gostava de brincar quando era garôta... só. (voando).

II

27" — 1'

Parece um acidente. Só. (como se uma pessoa tivesse rebentado... por causa dessas coisas vermelhas... esmagamento).

III

29" — 1'30"

(rindo) essa agora! parece o corpo de uma mulher assim, de cintura fina uma coisa assim (é só a cintura dela — G).

IV

1'21" — 2'

sinceramente não sei nada a propósito disso aqui... não posso dizer nada (?) nada, nada!

(só escuro, como se fôsse uma pessoa partida ao meio no escuro).

V

2" — 45"

isso parece um morcêgo (voando porque está de asas abertas)
um rato também, a parte do meio (como se fôsse um rato esmagado, achatado)
uma pipa também

VI

29" — 1'15"

posso dizer qualquer impressão que tiver? isso parece as costas de um boi que foi esquartejado

VII

42" — 1'

aqui parece dois cachorrinhos brincando... só isso

VIII

55" — 1'30"

dois ursos tentando subir numa pedra assim (rindo) (parece também uma árvore).

IX

41" — 1'30"

aqui dá impressão de um órgão com uma doença assim, como se fôsse um câncer, uma coisa assim (como se tivesse uma inflamação no centro... por causa das côres)

X

49" — 2'

aqui é tão difícil também! isso aqui é um osso (parte de cima) parece dois pedaços de carne de uma pessoa que tem anemia profunda assim, que tem sangue fraco (côr de rosa claro, a pessoa está muito ruim, está anêmica).

Psicograma

T = 13'30"

R = 13

T/R = 1'

G = 69%

D = 23%

Dd = 8%

F+ = 80%

F = 37%

TP:G — D — Dd

TV : 0 K : 3,5 C

FS : 5 k : 0 E

Kan = 3

Kob = 2

CF = 2

C = 1

A = 30%

Hd = 8%

Anat = 46%

Ohj = 15%

Ban = 3

O contrôle lógico é alto, mas a percepção mostra a tendência a regredir para o nível sincrético, sobretudo quando a interpretação está ligada a temas de morte e doença. A afetividade é narcisista, lábil, e mal controlada, o que torna a conduta instável.

Os conteúdos evidenciam a presença de uma forte problemática relacional. Vejamos:

A primeira resposta, *osso... da bacia*, é comum, quase banal, mas, de acôrdo com o simbolismo já clássico da figura materna na prancha I, viria sugerir uma imagem desvitalizada da mãe. O conteúdo seguinte, *pipa*, é alegre, é brinquedo, tem movimento, no entanto, é um objeto apenas, uma representação desvitalizada do pássaro. Além disso, a referência pessoal à própria infância indica uma atitude algo regressiva.

O choque perante a prancha II leva a conteúdos sádicos: *acidente, pessoa esmagada*. Há sangue e destruição da personagem.

O *corpo de mulher* da lâmina III, ou melhor, *só a cintura* revela que não houve percepção da banalidade, das duas figuras humanas, mas de uma parte apenas, com indicação vagamente sexual.

A prancha IV provoca intensa reação de choque, que culmina em rejeição; a angústia fica patente no inquérito, com a divisão da personagem em duas partes, símbolos de conflitos internos ligados à figura paterna: *uma pessoa partida ao meio no escuro*.

O *morcégo* na prancha V é uma das raras banalidades deste protocolo. Logo em seguida, porém, volta o tema de destruição, de um animal geralmente considerado como repugnante, *rato esmagado, achatado*. A *pipa* vem dar a mesma conotação alegre da prancha I, mas é um pássaro desvitalizado.

A prancha VI lembra a IV, com o tema de divisão em duas partes: *boi esquartejado*, visto de costas (fuga da representação sádica das vísceras).

Contrastando, a resposta na lâmina VII é uma das poucas realmente bem vistas, alegres, saudáveis: *dois cachorrinhos brincando*, não deixando contudo de ser algo infantil.

Da mesma maneira, há um aspecto positivo nos *dois ursos* da prancha VIII, que procuram *subir numa pedra*, ou seja, sair da depressão. Vale ressaltar que a *pedra*, fria, e por isso comumente símbolo de rejeição afetiva transforma-se no inquérito, em *árvore*: a vida reaparece.

Mas é de novo a destruição que domina a prancha IX, com o tema da deterioração de órgão canceroso. Poder-se-ia interpretar o *câncer*, bem como a *inflamação* em termos de conteúdos inconscientes ameaçadores. Dêsse ponto de vista, é a vida que se autodevora. A resposta à prancha X representa mais um passo no caminho da destruição, da desvitalização. Após o *osso*, é a *carne com anemia*, sem sangue sequer, a pessoa cada vez mais empobrecida, mais afastada da vida.

Vimos que o psicograma é atípico. A análise dos conteúdos sugere contudo a presença de preocupações com o próprio corpo, mas sobretudo a percepção de conflitos internos, que dividem a personalidade em partes antagônicas. A importância do tema de despersonalização, expressa em termos de destruição, desvitalização do ser humano leva a aconselhar a psicoterapia.

CASO Nº 2

Trata-se de um rapaz, de 18 anos, interno num estabelecimento de ensino da Guanabara, onde não consegue adaptar-se. É natural do Nordeste e deixou a família para estudar no Rio. Há antecedentes patológicos: uma tia foi internada por doença mental, não identificada.

Nas provas, revela-se muito bem dotado intelectualmente.

No Rorschach, fala em tom muito baixo, mal coopera. A vivência é de tipo introversivo, próximo da ambigüidade, evidenciando uma atitude de fuga nas fantasias compensatórias da realidade desagradável. Embora inteligente, o examinando nem sempre consegue dominar intelectualmente os impactos emocionais. O pensamento é bastante original.

A afetividade apresenta-se superficialmente integrada, do fundo lábil. A impulsividade está reprimida. Adaptação social razoável, em termos de conformidade.

O problema central parece consistir na repressão de tremenda agressividade, manifesta em conteúdos sádicos ou depressivos que o orientando dirige sobre si, por impossibilidade de descarregá-la contra o mundo exterior.

I

9" — 2'16"

Isso é uma águia...

Pode ser um soldado com capota, não, é o manequim de soldado... a roupa do soldado
uma mancha de tinta, que pode ser uma ilha, com uns campos, com quatro lagos no meio. só.

II

15" — 2'25"

Isso é duas peles de animais já mortos, peles defumadas, com patas superiores amarradas,
e pode ser o rosto de um sacerdote pagão
ou as manchas vermelhas podem ser sangue
pode ser o rosto de dois animais que se tocam as patas (espécie de ursos)
pode ser uma ilha com baías, com mar e terra, campos, montanhas... não é só imaginação.

III

26" — 2'7"

Pode ser dois feiticeiros, na caverna, com esqueleto de aves, com aves depenadas e ensangüentadas suspensas pelo pé, estão segurando uma bacia... humana... depois podem ser dois coveiros... um entêro, fazendo o seu trabalho de recolher os ossos (estão curvados)
em cima pode ser um pulmão, dois pulmões, um esôfago e um estômago.

IV

13" — 1'17"

Isso pode ser a pele de um animal, defumada, um lince talvez (animal de pele macia, das peles raras)

Um tronco recoberto por uma pele de animal pode ser um entêrro índio, estando o corpo do morto envôlto em peles. Em cima a pele está em forma de pontas.

V

4" — 1'2"

morcêgo, numa caverna qualquer animal de conto de terror (por causa das garras). Só.

VI

17" — 1'27"

No centro está uma espécie de bastão de madeira e, enrolado nêle, está uma pele, parece um tótem e também uma cabeça de animal morto... embaixo é um bacia de um animal As saliências devem ser seus membros e, no centro, a mancha mais escura deve corresponder à espinha dorsal.

VII

29" — 2'6"

Parece ser um grupo, em cima, rostos... como caçadores (tipo David Crockett) embaixo, as duas últimas manchas... pode ser uma bacia também de animal. pode ser também... montes de nuvens com anúncio de tempestade (porque estão se deslocando) e uma cêrca de folhagem, uma casa de campo feita de madeira, um grupo de ilhas de formato irregular.

VIII

4" — 1'24"

Ao lado, duas ratazanas (andando) pode ser também a pele de um animal com as marcas do Zorro nêle, a pele ensangüentada em cima o esqueleto de um animal com sua pele já sêca o rosto de um animal com um dos mandíbulos (cara de rapôsa) no total: duas ratazanas procurando restos de carne na pele de um animal recém-morto, só. (elas estão vasculhando).

IX

7" — 1'20"

A parte rosa, vista ao comprido, pode ser uma calva pode ser também... esqueleto de um animal recoberto de sua pele são dois rostos calvos. Só.

X

7" — 3'2"

As manchas azuis podem ser aranhas a mancha marrom... como um esôfago e embaixo uns pulmões

pode ser também animais (cabeça de coruja)
 a mancha azul: os corpos de galinhas mortas
 as manchas mais claras, duas aranhas
 a verde pode ser o rosto de uma ave, parece cair de seus olhos
 um líquido qualquer (um cervo, um animal com chifres ou plumas)
 esta mancha aqui pode ser um osso de um animal
 aqui pode ser uma ilha
 parece dois... fantasmas em forma de nuvens carregando dois
 animais... nos braços exteriores vivos, e de dentro, mortos...
 estão em ascensão (enrolados em nuvens)
 aqui é um pingente qualquer, isso aqui parece agarrar-se a eles
 e só isso.

Psicograma

T = 18' 35"	TP : G — D — Dd — Do	
R = 44	TV : 3 K : 2,5 C	Ban = 6
T/R =	FS : 2 K : 3,5 E	
G = 41%	K = 3	
D = 52%	Kan = 2	
Dd = 7%	FC = 3	
Do	CF = 1	
		A = 30%
		H = 16%
		Anat = 30%
		Geo = 10%
		Obj = 7%
F + = 72%	FE = 5	
F = 66%	EF = 1	

A primeira resposta, *águia*, indica uma percepção correta e bastante valorizada. A *águia* sugere expansão, necessidade de dominação. Logo em seguida, contudo, aparece uma desvitalização nítida: *um soldado com capota, não, é o manequim de soldado, a roupa do soldado*. A pessoa não existe, é apenas a roupa, a aparência da personagem. Ao mesmo tempo, a agressão é disfarçada pois o *soldado*, agressivo por natureza, desapareceu. A *capota* sugere um tema de cobertura, de proteção, que vamos encontrar freqüentemente nesse protocolo. A *ilha* é uma resposta bastante freqüente, na qual transparece, talvez, um tema de isolamento, mas não se apresenta muito significativo.

Na prancha II, a desvitalização aplica-se aos animais, que são uma banalidade: não se trata de animais vivos, mas sim de *peles defu-*

madas, com as patas superiores amarradas, para impedir a agressão. O *rosto de sacerdote pagão* é uma espécie de máscara. É bem visto, e, conforme nossa hipótese, expressaria a atuação de mecanismos de defesa contra a ansiedade. Logo depois vem a agressão sádica, a destruição, com manchas de *sangue*. A resposta seguinte revela melhor percepção dos dois animais: são *ursos e tocam-se as patas*, isto é, conseguem desta vez estabelecer uma comunicação. A *ilha* lembra a última resposta da prancha I, com o mesmo significado.

Os conteúdos da prancha III evidenciam a presença de percepção correta, que o examinando procura *embelezar*, procedendo de maneira não muito autêntica. Vale lembrar que muitos autores ainda consideram os temas de máscaras ou derivados deste como expressão da vontade de disfarçar a verdadeira personalidade. Julgamos que a própria escolha do disfarce é reveladora, e acaba sendo um meio de expressar as dúvidas a respeito da própria pessoa. Nas respostas classificadas como inautênticas, o examinando mente a si próprio, mas exprime sua verdade para o psicólogo. Vê em primeiro lugar *dois feiticeiros*, dois homens estranhos, exóticos, mas que possuem poderes mágicos, numa caverna (símbolo do útero), com *esqueletos de aves*, visão desvitalizada do animal que depois evolui para adjetivação sádica, já mais perto da vida (*ensanguentadas*). Logo a morte estende-se para o ser humano. A *bacia*, que pela hesitação do examinando supomos ter sido vista como objeto, torna-se *bacia humana*. A visão do esqueleto traz a seguinte resposta: “dois coveiros, um entêrro, fazendo seu trabalho de recolher os ossos.” A personagem foi destruída, não há recomposição e sim justaposição dos casos. Ao mesmo tempo, na apresentação desses coveiros, aparece a tentativa de reduzir a ansiedade: a morte torna-se meio de vida, a coexistência com esqueletos é um trabalho qualquer. Nessa prancha, que classicamente evoca as relações sociais, assistimos ao jôgo de mecanismos de defesa que procuram reduzir a ansiedade, através do tema de domesticação da morte. A resposta que, em primeira aproximação, parecia *ruim*, negativa, revela à análise os aspectos positivos da personalidade. Transformando os dois bonecos vulgares em coveiros, o examinando exprime ao mesmo tempo a angústia ontológica e sua racionalização. As respostas na prancha IV evidenciam o processo que consiste em recorrer ao exotismo para recompor a pessoa fragmentada pela angústia: uma *pele defumada* porém macia, rara. Desta vez, o entêrro é *índio*, o corpo está protegido por peles (placenta?). A morte toma feições aconchegantes. Verificamos uma evolução: é primeiro um *tronco recoberto por pele de animal*, simulacro do homem, espantalho ambíguo; em seguida, chega-se à representação, mas é um cadáver. Logo depois da imagem de proteção vem a agressão: a pele está *em forma de pontas*.

Dois autores americanos, Fisher e Cleveland, focalizando no Rorschach os temas de *imagem do corpo e personalidade*², apontam duas constantes: de um lado, os temas de *barreira*, de proteção, de cobertura, que parecem representar uma necessidade de proteção, negativa quando expressa a atitude regressiva de volta ao seio materno, mas muito positiva quando corresponde à vivência da clara definição dos limites do ego; e, do outro lado, o tema de *penetração*, de abertura, que ilustra a ambivalência da afirmação e do medo da agressão.

O examinando fornece-nos protocolo particularmente rico dêsse ponto de vista. Talvez exprima desta maneira as raízes de sua angústia: proteção e agressão estão juntas, desde a prancha I (*capôta de soldado*).

O morcêgo da lâmina V é visto dentro de uma caverna (proteção) e logo se transforma em *animal de conto de terror por causa das garras*. A interiorização da agressividade levaria à atitude depressiva.

A prancha seguinte repete os conteúdos da IV. O bastão, símbolo de dominação fálica, está envôlto em peles, parecendo ao mesmo tempo um tótem e uma cabeça de animal morto. Vê-se a tentativa de mistificação da morte, substituindo o temível pelo sagrado. A *bacia de animal* é mais uma representação da mãe desvitalizada, que vamos de novo encontrar na lâmina VII. Nela, os *caçadores* parecem representar certa integração da agressividade com o indispensável toque de exotismo, algo infantil (David Crockett). Mais interessante é a explicação dada, no inquérito, para a resposta *nuvens com anúncio de tempestade: porque estão se deslocando*. O movimento, a vida, provocam a angústia. A *cêrca de folhagem*, a casa, ilustram o tema de cobertura, normal nessa prancha, que costuma lembrar o seio materno.

A percepção de dois animais no D lateral da prancha VIII constitui uma banalidade, no entanto, o examinando dá-lhe um colorido particularmente disfórico. Contrastando com os temas de cobertura da lâmina precedente, aparece a penetração sádica, a devoração: *pele ensangüentada, esqueleto, e sobretudo, duas ratazanas procurando restos de carne na pele de um animal recém-morto, vasculhando*. A agressão, dirigida para o mundo exterior, torna-se contra o próprio ego. A libertação de Tánatos leva à morte do indivíduo, ao despedaçamento do eu consciente pelas forças inconscientes.

Como no *câncer* do Caso nº 1, a ameaça provém de dentro do ser.

As respostas na lâmina seguinte não trazem informação nova. De novo encontramos o tema (disfarçado) da máscara, nos rostos

2 FISHER, S. & CLEVELAND, S. E. *Body Image and Personality*. Princeton, Van Nostrand Co., 1958.

calvos, bem como a proteção irrisória da pele, que não esconde o esqueleto do animal.

As aranhas da prancha X são banalidades. (Não devemos esquecer, contudo, que simbolizam a mãe negativa, devoradora). Esôfago, pulmões, são também respostas comuns. A desvitalização volta a aparecer nos *corpos das galinhas mortas*. Trata-se da freqüente percepção de *dois frangos depenados*, mas, como sempre neste protocolo, acentua-se o aspecto negativo. Ao invés da resposta de alimento, que serve para sustento da vida, focaliza-se a morte.

O animal estranho que vem em seguida introduz outro tema ligado à despersonalização, à ambigüidade. Não se sabe se é *animal com chifres ou plumas*, parece ave, mas tem *rostro*. Aqui se exprime a insegurança na identificação.

A última resposta como que resume o protocolo e a problemática do jovem rapaz. A figura humana é vista como fantástica, sem realidade palpável. *Dois fantasmas em forma de nuvens carregando dois animais... nos braços exteriores vivos, e de dentro mortos... (...) isso aqui parece agarrar-se a eles*". A agressão à realidade exterior provoca em retôrno a auto-agressão: a realidade vive e, êle, está morto por dentro. O nada está dentro do ser.

Apesar do aspecto sadomasoquista dos conteúdos, a estrutura da personalidade, tal como se expressa no psicograma, não parece muito prejudicada. Há certa complacência no abandono às fantasias depressivas. A despersonalização parece mais fruto da vivência de conflitos internos, pois é o indivíduo que se autodevora. A constante oposição entre barreira e penetração ilustra a necessidade de assegurar os limites físicos do corpo, para estruturar a relação com a realidade, mantendo a integridade do ego.

CASO Nº 3

Essa jovem tem 20 anos, e encontra-se em início de tratamento psicanalítico. Vive em estado de conflito com o pai, *possessivo*, e a mãe, *frustradora*. Já teve diversas experiências sexuais, mas não se acha bem ajustada com isso, julgando que os homens a consideram *uma prostituta*.

No Rorschach, sua atitude é coperante, mas agitada. A vivência, muito dilatada, ilustra essa excitabilidade fora do comum. Próxima da ambigüidade, parece orientar-se mais no sentido da introversão, mas é sobretudo significativa de imaturidade, e da presença de conflitos intrapsíquicos agudos. A atividade imaginativa é desenfreada, alimentando fantasias bem afastadas da realidade, perdendo-se em

confabulações, em abstrações absurdas que giram em torno de um tema só: o sexo. A identificação humana, bem perturbada, está subordinada a essa perspectiva.

Inteligente, original, com capacidades criadoras, a examinanda entretanto não consegue utilizar seus talentos para ajustar-se melhor. Pelo contrário, a produção descontrolada serve para fugir da realidade.

Afetividade imatura, mal estruturada, dominada pelos impulsos. A personalidade está ameaçada na sua integridade, por uma forte carga de angústia. Os temas de desagregação, de dissociação, são frequentes nos conteúdos.

I

5" — 4'40"

Uma Vênus (com os braços abertos vestido esvoaçante, é uma estátua)

um órgão sexual (feminino, impressão de ovário também)

uma mulher se esvanecendo (falta a cabeça, as partes não estão sólidas, há momentos de falha)

uma mulher-morcêgo

uma máscara (alegre)

tem um animal aqui que esqueci o nome... é personagem de Walt Disney (só a cara) posso mudar a posição?

(V) uma flor

um cálice

(A) uma máscara trágica

um clown (cara, maquiagem, o palhaço)

um monstro (a boca com muitos dentes, é monstro humano)

um homem fumegando, em fogo (saindo fumaça do rosto)

órgão sexual (masculino)

(V) duas águias se dando as costas, presas uma na outra (aliás são híbridas)

um quadro de Jean Cocteau (movimento de massas disformes, o todo não é desagradável)

uma superfície cheia de falhas

estou vendo dois pássaros marinheiros (estão com gorros de marinheiros)

II

3" — 2'

dois pingüins (dançando)

dois fantasmas (por causa do capuz)

(V) um coração (tá todo vermelho)

um vale

(A) um órgão sexual masculino... tive a sensação e não a imagem... a sensação do ato sexual... (uma apoteose, brilho, conjugação total da figura num ponto final, uma ponta, faz assim um movimento de expansão)

III

3" — 2'

dois negros tocando tambor

uma borboleta no meio (só pelo formato)

ou puxando um chapéu

ou carregando um cesto

ou penetrando num poço

(V) um morcêgo com braços (os braços são até separados, é noturno) um homem vazio (porque faltam pedaços por dentro)

um maestro

um morcêgo que devorou sangue

uma fumaça assim rolando (zzzz!)

um homem feito de 1 tronco de árvore

IV

3" — 2'11"

um... como se chama?... um animal kafkiano (porque monstruoso, parece uma transformação, saiu de um pesadelo, porque envolve, só em pesadelos a gente tem isso, foi a contextura que sugeri)

escorpião, não sei se é escorpião não! (é por causa das garras laterais)

escaravelho (pela palavra que lembra contos de terror, pela sensação de medo que dá)

aí um monstro de cabeça pequena, com duas garras com pinças! dois pés enormes (é um monstro humano por causa dos pés, está em movimento, prêso a uma árvore)

uma flor, meio libidinosa, assim como um símbolo, ... não sei o nome disso (a abertura, e o movimento fálico, foi só o formato)

um vulcão

V

5" — 2'28"

um gafanhoto

(V) uma planta se abrindo (já está aberta, não há mais movimento)

dois animais em transformação, se unindo, um gafanhoto comendo-os, as pernas dos animais estão de fora (estão sendo engolidos por uma nova forma, estão unidos)

dois cavalos tentando se separar dentro de um nevoeiro

uma pinça (assim: zzzz!)

o ovário, vamos dizer (a parte final do ovário)

VI

5" — 1'35"

um gato numa camisa de lã (a contextura... porque lã sufoca também)

um animal sendo sufocado (mostra no próprio pescoço os movimentos de estrangulamento)

uma camisa com a cabeça saindo por baixo

um animal com feijões encravados no pescoço (é o gato, ou um burro, pelo focinho)

Coment. entre as duas pranchas: "Estou com uma imaginação horrórida!" (Por quê?) "Vejo pouca coisa".

VII

3" — 1'31"

duas nuvens brincando, assim, fazendo formas de velhas

um colarinho (rindo)

êsse branco! Tá vendo que horror?

não consigo nada

VIII

2" — 3' 44"

Ah! Dois animais assim pré-históricos, suspensos numa floresta (pelo formato, a côr ajudou pela floresta)

uma flor com haste em flor e pétalas de fôlha

um vulcão (zzz!)

um cogumelo

um símbolo sexual (os dois sexos unidos, flor feminina e haste masculina)

uma experiência científica (deu uma flor estranha, uma flor híbrida)

a terra vista assim (os dois pólos, dois opostos, a parte de cima e a parte de baixo)

dois animais em trapézio (fazendo malabarismo)

uma flor assim se subdividindo

um termômetro acusando o fim do mundo (com explosão, o termômetro no centro)

uma teia de aranha

um pára-quedas (tá todo mundo prêso nêle, zzzz!, tá caindo)

um terremoto (zzzz!)

duas realidades se ligando no momento de nascer (partindo da haste para um movimento para duas contexturas, dois seres...)
uma flor terminando em nascedouro (uma parte assim a nascer, a viver)
um corpo vivo e um corpo morto, que se transportam de um para o outro, que se ligam, se interpenetram.

IX

2" — 3'5"

Oh! Duas bruxas se destruindo!
uma cratera
um pôr do sol (tôdas as côres)
uma nebulosa (pela contextura)
dois deuses... maléficos!
duas realidades idênticas que se unem e que se destróem (todo um movimento de guerra)
uma flor estranha, cuja parte inferior é animal e a parte superior vegetal! (tem garras)
(V) uma caveira, do que somos além do corpo...
um urso rosa! com capa verde! e pernas, de... como se chama?...
de caranguejo ou de lagosta
um monstro de olhos diluídos, feito de matéria gelatinosa, um monstro que baba rosa (gesto de babar)
um lampião emitindo fluídos coloridos!
a terra (pelas côres em si)

X

2" — 5'23"

Ah! um terreno... feito de coisas irrisórias (porque não tem formato, não tem função, tá sem ligação)
duas mulheres lutando pela sua possibilidade de procriar (lutando pela posse de um órgão sexual — azul e côr-de-rosa)
uma garra tentando... uma garra e um animal assim tentando destruir a possibilidade vital humana...
um lagarto assim tentando destruir o órgão procriador da mulher... vai assim e em ristes...
ôxe! uma sarabanda... de formas amorfas e de côres...
o fim da realidade humana (tudo em pedaço, tudo destruído)
Hi! tô vendo tanta coisa ridícula!
duas aranhas! assim comendo os gases que restaram assim de tudo o que era humano!
o fim assim que se transforma numa idéia de início, mas que é assim mesmo! (começa a haver certa ligação, algumas formas animais aparecem)
o destino, assim, condenando... tôdas as partes a viver em luta, em desintegração parcial, a ficar assim horrendas!
o símbolo do sexo, a única coisa que perdurou, mas sem ligação

com a realidade, porque a realidade desapareceu (é a parte dourada! Uma coisa fálica na minha opinião, a única coisa que ficou, com auto-suficiência, enquanto as outras estão se digladiando) ovos estrelados

(V) duas mulheres se acenando com lenço assim e se transformando em flôres (Alice no país das maravilhas)

Psicograma

T = 28'37
R = 92
T/R = 19"

TP: G — D — Dd — Dbl

TV: 13 K : 11,5 C
FS: 15 K : 9 E

Ban = 2

G }
Gbl } = 85%
DG }

D = 12%
Dd } = 30%
Dbl }

FC = 5
CF = 3
C = 4

A } = 24%
Ad }

F + = 54%
F = 43%

FE = 5
EF = 2

H } = 22%
Hd }

K = 13
Kan = 5
Kob = 10

E = 3
Fclob = 1

Anat } = 17%
Sg }
Sex }

Abstr 12%

Ban = 2

A primeira resposta aponta a mulher-sexo, *Vênus*, mas com discreta desvitalização, pois é uma estátua. O elemento racional intervem aqui para a elaboração da resposta. A resposta seguinte, *órgão sexual feminino* não é freqüente, mas é aceitável. Logo depois aparece o primeiro conteúdo de despersonalização, com *mulher se esvanecendo, porque falta a cabeça, as partes não estão sólidas, há momentos de falha*. Está sem cabeça, sem rumo, sem coesão interna. A desagregação leva à reificação. A examinanda atribui ao ser humano adjetivos próprios para descrever objetos, muros, pedras.

A *mulher-morcêgo* ilustra a duplicidade, a ambigüidade da identificação que, juntamente com o tema de desagregação, será a constante deste protocolo.

A resposta *máscara* não poderia faltar. É *alegre*, bem vista. Os conteúdos seguintes expressam o recurso à infantilidade (Walt Disney), e o interesse pelos símbolos maternos (*flor, cálice*). A *máscara trágica*, é a mesma que a alegre, mas vista de cabeça para baixo. Aparece aqui a ambivalência. O palhaço, com a *maquilagem*, é outra máscara. O ser humano é visto de maneira depreciativa, e constantemente inautêntica. O *monstro* é humano, é muito agressivo (os dentes). Aqui a desumanização vem através da agressão. O mesmo acontece com o *homem em fogo*, reificado, sendo destruído pelo próprio inconsciente.

As *águias, prêsas uma na outra*, numa caricatura de relação sexual, que é vista como alienante, são *híbridas*. De nôvo encontramos a duplicidade. Os temas ambíguos são comuns para expressar o problema de relacionamento entre o ego e o mundo, mas costumam encontrar-se freqüentemente em protocolos de pessoas que apresentam uma problemática de identificação sexual. As tendências homossexuais — talvez nesse caso seja mais adequado falar em bissexualidade psíquica — fornecem símbolos múltiplos à expressão da insegurança ontológica, vivenciada através da dubiedade da identificação.

A explicitação do *quadro de Jean Cocteau, movimento de massas disformes*, a *superfície cheia de falhas*, colocam a percepção no plano do não-elaborado, da vivência crua da *matéria-prima*, do inconsciente não-agregado e desagregador.

O último conteúdo da prancha X, embora humorístico, vem enquadrar-se na temática da dubiedade: *pássaros-marinheiros*, animal fantasiado de homem, ou vice-versa? Os *pingüins* da lâmina II expressam a mesma figura. Com os *fantasmas*, o disfarce toma aspectos angustiantes, que lembram a morte. As respostas seguintes, porém, vão no sentido da vida e até de sua exaltação, através da valorização do ato sexual, visto como conjunção e expansão. No entanto, a perda de distância com o teste (*tive a sensação e não a imagem*) revela a fraqueza dos limites do ego e as poucas defesas perante o derrame dos instintos.

As primeiras respostas da prancha III são comuns, revelando uma correta capacidade de adaptação. Ao virar a prancha, a examinanda de repente volta às confabulações. *Um morcégo com braços*, é *noturno*, a própria imagem do inconsciente hermafrodita. Um *homem vazio* que lembra a mulher cheia de falhas da I, expressando a disjunção, a reificação destruidora. Há uma tentativa de superação, através do exibicionismo (*maestro*), mas os conteúdos disfóricos dominam, desde o sádico *morcégo que devorou sangue*, até a fumaça, símbolo de ansiedade, e o homem desvitalizado, desumanizado, *feito de tronco de árvore*, que lembra as respostas do Caso nº 2.

A prancha IV, classicamente interpretada como *paterna*, ou mais adequadamente, a nosso ver, como representação do Animus de Jung,

mostra a entrega quase total aos conteúdos angustiantes. Animal de pesadelo, *kafkiano*, devorador, *escorpião por causa das garras*, *escaravelho de contos de terror*, *monstro* enfim, tudo isso sugere o medo do inconsciente paterno, contra o qual a examinanda se defende (o *monstro está prêso*), mas sucumbe à ansiedade, desde que a libertação dos conteúdos inconscientes esteja ligada à sexualidade. Eis uma resposta tipicamente bissexual, *flor libidinosa*, por sugerir ao mesmo tempo *abertura e movimento fálico*. A conjunção sexual, símbolo de união entre duas pessoas, torna-se imagem de conflito, por causa das tendências homossexuais. Vamos encontrar freqüentemente êsses temas no decorrer do protocolo. À medida que o teste vai despertar associações mais fundamente relacionadas com a problemática da jovem, vão também desaparecer as banalidades. É o caso da prancha seguinte.

O *gafanhoto* não constitui uma resposta comum. Se lembrarmos da descrição da praga dos gafanhotos no Apocalipse, verificaremos que êste conteúdo é bem próximo dos animais vistos na prancha precedente, (*tinham caudas parecidas com as dos escorpiões e, nessas caudas, ferrões*)³. A *planta se abrindo* encontra também a *flor*. A resposta ilustra a representação angustiada da relação sexual: dois animais em transformação, se unindo, um gafanhoto comendo-os”, “dois cavalos tentando se separar dentro de um nevoeiro”. Até o ato sexual, que era um meio de encontro, de realização, de comunicação com o mundo exterior, pelo fato de libertar a libido, tende a provocar também a devoração do indivíduo pelo inconsciente. O tema da transformação ilustra as tensões e conflitos do ego em busca de identificação. A ambivalência entre necessidade de síntese e medo de perder-se no processo de transmutação (*estão sendo engolidos por uma nova forma*) é vivenciada através das preocupações com a sexualidade.

Outra expressão de ambivalência, desta vez evidenciando a ambigüidade da separação entre o ego e o mundo exterior, é dada pela resposta à lâmina VI (*gato numa camisa de lã, porque lã sufoca*). Não há mais oposição entre cobertura e penetração, aquilo que deveria proteger, aquecer, agride. Os limites do ego tão mal definidos que, ao querer defender-se do mundo exterior, êle acaba sendo *sufocado*. Nessa perspectiva, o mundo, a realidade, estão vistos às avessas: *a camisa com a cabeça saindo por baixo* mostra bem a confusão entre alto e baixo, cabeça como sede do pensamento racional e sexualidade. A resposta seguinte expressa o mundo do absurdo, da interpenetração dos reinos animal e vegetal, nesse *gato, ou burro, com feijões encravados no pescoço*. O comentário feito pela examinanda entre as pranchas VI e VII revela que a insegurança do ego a leva a não perceber sua originalidade autêntica. Acha-se com *imaginação horrorosa* por que vê *pouca coisa*.

3 Apocalipse.

A prancha VII, desde os trabalhos clássicos de Myriam Orr⁴, é considerada como a lâmina materna. O choque perante o espaço em branco central estaria ligado a uma problemática sexual. Neste protocolo, ocorre o choque, de maneira bastante nítida. Antes, porém, a orientanda propõe uma resposta que, mais uma vez, expressa a insegurança da identificação humana, através de conteúdos de despersonalização. *Duas nuvens brincando, fazendo formas de velhas*: o inanimado finge-se de animado. A atividade lúdica de fragmentos indeterminados recria uma figura feminina depreciada.

Se, na prancha seguinte, a banalidade é corretamente percebida, mediante certo recurso ao exotismo (animais pré-históricos) e com uma linguagem algo estranha (*estão suspensos numa floresta*) — respostas que Minkowska seguramente classificaria como \pm *ligação*, típica de uma vivência sensorial —,⁵ a segunda resposta apresenta o tema constante da duplicidade e da confusão dos contrários: *uma flor com haste em flor e pétalas de folhas*. Como no mundo dos quadros de Hieronymus Bosch, a realidade está dividida em partes antagônicas que depois são agregadas de modo irracional. A ambigüidade da identificação provoca a construção deste mundo às avessas. Em seguida, vemos aparecer uma *flor híbrida*, fruto de uma experiência científica que uniu os dois sexos, a *terra vista sob o ângulo dos dois pólos, dois opostos, a parte de cima e a parte de baixo*, respostas reveladoras da duplicidade, da bissexualidade, da oposição e união dos contrários. Essa dialética tanto pode levar a um estado de equilíbrio (*dois animais em trapézio, fazendo malabarismo*), *duas realidades se ligando no momento de nascer*, provocando até o renascimento do indivíduo integrado consigo mesmo, (*uma flor terminando em nascedouro*, que lembra a *flor de ouro*, final do processo jungiano de individuação), como também acabar em desagregação final do ego (*um termômetro acusando o fim do mundo, todo mundo prêso, tá caindo, um terremoto*). A última resposta exprime bem a angústia perante os perigos ligados à procura de si, e à perda de si no inconsciente. São *um corpo vivo e um corpo morto, que se transportam de um para o outro, que se ligam, que se interpenetram*. A morte está dentro da vida.

O mesmo tema aparece nas duas últimas pranchas, expresso em palavras quase idênticas: *duas bruxas se destruindo, dois deuses maléficos, duas realidades idênticas que se unem e se destroem* revelam o conflito íntimo, relacionado com a bissexualidade psíquica revelada nas interpretações híbridas (*flor estranha, cuja parte inferior é animal e a parte superior vegetal, urso rosa com pernas de lagosta*). Mais

4 ORR, Myriam. *Le Test de Rorschach et l'Imago Maternelle*. Bull. Group. Franç. Rorschach, 1958.

5 MINKOWSKA, Françoise. *Le Rorschach, à la Recherche du Monde des Formes*. Bruges, Desclée de Brouwer, 1956.

uma vez a vivência do destino humano como morte, na *caveira*, do que somos além do corpo.

O choque ao despedaçamento é patente no início da prancha X, quando a examinanda se entrega à disjunção: *um terreno feito de coisas irrisórias, sarabanda de formas amorfas*. De nôvo, a ambivalência transparece nessas formas amorfas, que no final entram em luta. Podemos dizer que tôdas as interpretações nessa prancha organizam-se em tôrno do conflito, da ameaça de desagregação da personalidade, com sua diluição e desaparecimento (*duas aranhas, assim comendo os gases que restaram de tudo o que era humano*), e ao mesmo tempo da luta desesperada pela sobrevivência (*duas mulheres lutando pela sua possibilidade de procriar, uma garra ou um lagarto tentando destruir o órgão procriador*). Parece que, à medida em que a jovem se sente mais acossada, mais ameaçada pelos conteúdos inconscientes, aumentam também suas fôrças para defender-se da desagregação. A realidade é vista como persecutória. O destino condena tôdas as partes a viver em luta, em *desintegração parcial*. No entanto, êste protocolo, que leva os temas de despersonalização até a total diluição do ser, apresenta também mecanismos de defesa fora do comum. Além da inteligência invulgar, a criatividade, a originalidade da examinanda permite-lhe tentar, e conseguir, a reconstrução do ego. Após o cataclismo, o fim assim se transforma numa idéia de início... começa a haver certa ligação, algumas formas animais aparecem. Para alcançar a vida é preciso aceitar e vivenciar a morte. Para realizar o processo de individuação, a passagem pelo estado de *nigredo*⁶ é indispensável.

No momento atual, a jovem ainda está longe de conseguir esta integração. O símbolo do sexo afirma-se com ambivalência. As mulheres se transformam em flôres na última imagem do protocolo, regressiva e narcisista. Mas temos motivos para acreditar que, mediante um apoio psicoterápico, a orientanda conseguirá a união harmoniosa dos contrários dentro de si. Julgamos aconselhável o exercício de uma atividade de cunho estético (música, poesia, artes plásticas) para propiciar meios de sublimação.

Nos três protocolos, embora dentro de contextos clínicos diversos, encontramos temas de despersonalização que parecem expressar realmente a dificuldade de manter um contato satisfatório entre o ego e o mundo. Os três examinandos sentem-se ameaçados; atribuída a agentes exteriores, a mais grave ameaça provém de dentro da própria pessoa, sob forma de autodevoração pelo câncer, de triunfo da morte, da transformação de formas ambíguas e destruição total da espécie humana.

A insegurança ontológica é parte integrante do sentimento que o homem tem de sua situação ambígua perante o mundo. "Jogada na

6 JUNG, C. G. *Psicología y Alquimia*. Buenos Aires, Paidós.

sua existência no mundo, a existência humana teme a existência do mundo. Em certo sentido, a existência humana teme-se a si própria". (Kahn)⁷. É raro, no entanto, que a pessoa normal tenha a vivência desta ambigüidade, a não ser em momentos privilegiados em que se defronta com a angústia existencial. Embora o destino do indivíduo, seu futuro, seja sempre a morte, — o homem, como pro-jeto, é "ser-para-a-morte" — nossa civilização propicia numerosos meios de diversão que permitem afastar essa perturbadora proximidade. Trata-se mais, diz Heidegger, de "uma certeza que se evita"⁸.

O indivíduo normal possui, contudo, condições para, ao perceber a ambigüidade de sua situação e a presença da morte, recriar o seu mundo a partir desta realidade, integrando-a. No psicodiagnóstico de Rorschach, os conteúdos (H) expressariam êsse mal-estar, compensado pela criatividade e pelo grau pessoal de cultura.

A pessoa que já sente dificuldades de integração a si mesma, que por ter um ego fracamente estruturado não conseguiu estabelecer os limites seguros entre seu ser e o mundo, utilizaria então a angústia ontológica como símbolo de sua própria insegurança de identificação. A visão trágica do mundo, corresponderia, então, uma visão patológica do mundo.

Bibliografia

- KUHN, R. *Phénoménologie du Masque, à travers le teste de Rorschach*. Bruges, Desclée de Brouwer, 1957.
MINKOWSKI, E. *Psychopathologie Générale*. Paris, PUF, 1966.

7 RUITENBEEK, LAING, KAHN, BINSWANGER. *Psicoanálisis y Filosofía Existencial*. Buenos Aires, Paidós, 1965.

8 HEIDEGGER, M. *L'Être et le Temps*. Paris, Gallimard, 1964.